



A bordo da Barca

Missão → O Jornal do Centro foi navegar no Douro e conhecer a gastronomia



No seguimento da apresentação de propostas para um dia, ou fim-de-semana diferentes, desta vez sugerimos aos nossos leitores deixar Viseu pela A24, sair na localidade de Bigorne e descer na direcção de Resende. Por uma estrada estreita e serpenteada vão avistar e “atracar” nas Caldas de Aregos. O passeio começa aqui.

O Cais Turístico Fluvial de Caldas de Aregos foi inaugurado no dia 26 de Agosto de 2009 e traduziu-se numa obra de elevada importância para o concelho de Resende e para a região, já que transformou este local no segundo maior cais do Douro, através de um investimento de cerca de 3 milhões de euros, suportado pelo município de Resende e pelo Instituto Portuário e dos Transportes Marítimos (IPTM).

O Jornal do Centro “le-

vantou âncora”, às 11h30, a bordo da Barca d’Aregos. Apesar de estarmos no distrito de Viseu, o “vamos embora” soou com sotaque nortenho. A nova Barca de Aregos, já que só está em funcionamento há pouco mais de seis meses, partiu no passeio marítimo-turístico com 11 passageiros, incluindo os dois elementos da tripulação. A paisagem que nos rodeia é deslumbrantemente relaxante. De um lado o concelho de Resende, Viseu, do outro o concelho de Baião, Porto, separados pelas águas de um rio. Nas encostas, o verde-escuro e o castanho claro sobressaem e espelham-se com bailadores revêrbos nas águas prateadas onde o sol se banha. Ainda assim, diz-se por aqui que “já teve mais espécies agrícolas”. Casas abandonadas e verdadeiros “palácios” restaurados são uma constante. “Mete inveja saber

que há pessoas que vivem nestas encostas, bordejadas pelo rio e têm esta vista privilegiada”, disse um tripulante. Umhas milhas à frente avistámos a estação de Caminhos de Ferro da Ermida, em Baião. “Antigamente havia uma barca - barca de baixo - que fazia a travessia entre Resende e Baião, todas as mercadorias paravam nesta estação e as pessoas tinham obrigatoriamente que se deslocar lá para se abastecerem”, contou o marinheiro António Lopes. Contudo, foi a Rainha Santa Isabel a pioneira destas viagens entre Resende e Baião, “foi ela que sugeriu a barca para que as pessoas pudessem passar de um lado para o outro gratuitamente”, lembrou o nauta.

Continuamos a descobrir história e a visualizar paisagens sublimes. A Casa Porta de Rei tem um “segredo: tem tantas portas

e janelas como dias tem o ano”, mas tem mesmo? perguntámos, “não sei, é o que dizem”, retorquiu um tripulante.

Por esta altura, já estávamos de regresso e, à nossa esquerda, deparámos com a praia fluvial de Caldas de Aregos, local muito aprazível para um excelente e refrescante mergulho. E uma hora num ápice passada, já de porto à vista, com a maré a abrir o apetite, atracámos prontos para outras “águas” que não as do Douro. Entretanto, ficámos a saber que, apesar deste passeio ainda não ter muita divulgação, têm sido coroados de êxito os esforços do presidente da autarquia para promover esta iniciativa, que começa a ter resultados palpáveis.

Não foi difícil, com tão sábios cicerones, descobrir onde amesandar para conhecer as propostas gastronómicas que Are-



d' Aregos

típica da região de Resende

gos oferece aos seus visitantes.

Às 13h00, O Restaurante das Caldas, junto à marina, foi o local escolhido. Um restaurante típico com comida tradicional. Uma delícia. O polvo à lagareiro cuidadosamente preparado, um pitéu. Antes, a "tranca do estômago" com uma sopa de legumes. O Restaurante das Caldas é um espaço acolhedor onde os azulejos azuis com imagens de pescarias antigas sobressaem por entre a decoração rústica. A madeira domina e as janelas de grandes dimensões não passam despercebidas ao mais desatento observador, que delas continua a ver e a sentir o Douro. O anho assado e o bacalhau à Caldas são os pratos mais requisitados da casa. Sempre cozinhados em forno de lenha que lhe dá aquele sabor tão especial. A garrafeira é composta maiori-

tariamente por vinhos do Douro, também havendo do Dão.

Se no rio o tempo voou com a maré, à mesa escoou-se com a boa conversa e o agradável repasto.

Sempre difícil é a hora do adeus. Mas a ela chegada, com mágoa, deixámos esta paisagem e estas gentes afáveis com um poema de Torga, datado de 1962

DOIRO

*Suor, rio, doçura.
(No princípio era o homem ...)
De cachão em cachão,
O mosto vai correndo
No seu leito de pedra.
Correndo e reflectindo
A bifronte paisagem marginal.
Correndo como corre
Um doirado caudal
De sofrimento.
Correndo, sem saber
Se avança ou se recua.
Correndo, sem correr,
O desespero nunca desagua ...*

